

MUSEU DAS MISSÕES: DIÁLOGO E IDENTIDADE NA ARQUITETURA DOS MUSEUS

MUSEU DAS MISSÕES: DIÁLOGO E IDENTIDAD EN LA ARQUITECTURA DE LOS MUSEOS

Artículo de Reflexión - Recibido: 22 de Agosto de 2015 - Aceptado: 15 Noviembre de 2015

Roberta Krahe Edelweiss¹

UNISINOS. Porto Alegre. redelweiss@unisininos.br

Para citar este artículo / to reference this article:

Krahe, R. (2016). Museu das Missões: diálogo e identidade na arquitetura dos museus. *Módulo Arquitectura CUC*, Vol.16 N°1, 59-72.

Resumo

O museu como edifício, durante sua trajetória histórica, atua como um invólucro para guardar objetos, sejam eles arte ou artigos de ciência e tecnologia. Assim, o museu atua como o continente de um ator principal, o seu conteúdo. Este cenário, ou continente, assume necessariamente uma postura em relação ao seu conteúdo, de maneira a dialogar com ele ou não. O caso do Museu das Missões é um interessante exemplo de estratégia de conservação de dois âmbitos do patrimônio, dos vestígios de memória e da arquitetura, postos em diálogo. A relação entre continente e conteúdo que se estabelece neste museu é uma relação de identidade contextual. A investigação mostra a importância da rica relação de diálogo entre patrimônio arquitetônico e outro patrimônio material, deixando claro que a leitura de um ou outro de maneira independente não seria tão rica como da maneira que o conjunto foi mantido pela estratégia projetual adotada.

Palavras-Chave

Museu das Missões, Lucio Costa, arquitetura moderna, dialogia, identidade.

MUSEU DAS MISSÕES: DIALOGUE AND IDENTITY IN THE MUSEUM ARCHITECTURE

Abstract

The museum as a building for its historical trajectory, acts as a container for storing objects, whether they are art or science and technology articles. Thus, the museum acts as like a container of a major actor, its content. This scenario, necessarily assumes a posture in relation to its content in order to dialogue with it or not. The Museu das Missões case is an interesting example of two areas of heritage conservation strategy, the objects of memory and architecture, put into dialogue. The relationship between container and content established in this museum is a contextual identity relationship. This research shows the importance of the rich relationship of dialogue between architectural heritage and other material heritage, making it clear that interpreting either independently would not be as rich as the way the assembly was maintained by design strategy adopted.

Keywords

Museu das Missões, Lucio Costa, arquitetura modern architecture, dialogy, identity.



Figura 1: *Museu das Missões*
croqui da autora

Introdução

O museu como edifício, durante sua trajetória histórica, segue a idéia de ser um invólucro para guardar objetos, sejam eles arte ou artigos de ciência e tecnologia. Assim, o museu atua como o continente de um ator principal, o seu conteúdo. Este cenário, ou continente, assume necessariamente uma postura em relação ao seu conteúdo, de maneira a dialogar com ele ou não.

O caso do Museu das Missões (Figura 1) é um interessante exemplo de estratégia de conservação de dois âmbitos do patrimônio, das artes plásticas e da arquitetura, e postos em diálogo. O gesto proposto pelo arquiteto Lucio Costa na concepção de um

museu como cenário idêntico ao existente recria a relação dialógica entre continente e conteúdo.

Os museus, segundo a postura dialógica² conforme proposto por Mikhail Bakhtin, quanto a seu conteúdo, podem ser classificados em dialógico, idêntico ou neutro (Edelweiss,

2 O filósofo russo Mikhail Bakhtin dedicou grande parte de seus estudos ao tema do diálogo. O diálogo, para o filósofo, é visto como uma crítica ao monólogo, pela presença de mais elementos nele interagentes. A presença de diversos elementos é um fator gerador de uma idéia. A partir do diálogo entre diferentes partes se chega a um crescimento, a uma idéia proveniente da relação entre as partes e que não existiria se as mesmas não dialogassem entre si. Os estudos dialógicos de Bakhtin dirigem-se ao campo da literatura. No entanto, podemos aplicar sua visão a uma relação mais ampla, o campo das artes e, mais especificamente, à arquitetura, através de uma simples ampliação de campo de visão ou inclusive lexicamente, através de uma substituição de termos.

2008). Para tal, o autor do projeto arquitetônico de um museu assume uma específica estratégia projetual. É justamente dentro do leque de estratégias que o presente artigo se situa, ao evidenciar a identidade como relação entre continente e conteúdo. No museu considerado idêntico do ponto de vista dialógico, tanto a edificação quanto a obra de arte que o mesmo abriga pertencem ao mesmo contexto, seja ele moderno ou antigo.

O Museu das Missões

O Museu das Missões pertence ao conjunto dos Sete Povos das Missões Jesuíticas, no sul do Brasil. Este museu, datado de 1940 e de autoria de Lucio Costa, localiza-se na missão de São Miguel e, nele, encontra-se uma reunião de artigos provenientes da história destes povos.

As ruínas das Missões Jesuíticas dos índios Guaranis pertencem à história da região. Este tipo de organização deixou à região um legado que reflete a memória da prática aplicada pelos jesuítas em meados do século XVII. Em função de guerras por território entre espanhóis e portugueses, o que restou de memória física deste conjunto são ruínas e objetos da igreja, tais como estátuas, por exemplo.

Neste momento da história, impulsionada pelos interesses da Igreja Católica, surgiu a Companhia de Jesus, órgão que se responsabilizou pela introdução da palavra de Deus segundo a doutrina religiosa católica na vida dos povos nativos na América. Esta colonização de catequização, desempenhada nesta região por parte de missionários espanhóis, deixou sua marca nos povos do sul do Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai.

A cultura das missões jesuíticas pertence à história das Américas, e deixou um patrimônio em ruínas como reflexo de intensas disputas por território. A região do sul do Brasil, que anteriormente fazia parte do Uruguai, foi conquistada por uma dessas guerras entre territórios. Como resultado destas disputas, o patrimônio que restou nesta região é pouco se comparado à grandiosidade da implantação do movimento.

A estratégia da Companhia de Jesus foi a instalação de um sistema que envolvia todo o equipamento urbano necessário para a catequese dos guaranis, os índios nativos da região. Na porção brasileira das missões a Companhia de Jesus criou sete povoados denominados “missões”, todos com um sistema urbano bastante definido e comum ao funcionamento de

cada missão. A partir dos vestígios dos sete povos das missões e de alguns documentos³ foi possível reconstituir a disposição dos elementos e, conseqüentemente, o funcionamento destas missões.

A marca deixada nos povos nativos foi o ensinamento da religião católica e de ofícios, além do exemplo de concepção de cidade na organização dos povos missionários. A concepção de cidade, se vista como reflexo das necessidades de um território enquanto organização urbana, pode ser entendida como uma mudança na estrutura do povo e, por conseqüência, no modo de viver do mesmo. Elementos como a Igreja, o Cabildo, a Oficina, a Praça Central e até o modo de organização da morada na forma de famílias em diferentes células, porém unidas entre si por meio de varandas, ou as ruas para a distribuição destes elementos, todos eram elementos, de certa maneira, estranhos à cultura local e que passaram a fazer parte da história dos índios guaranis.



Figura 2: Gravura em cobre, datada de 1755, mostrando a planta-esquema das missões, por autor desconhecido.

Fonte: IPHAN 2015

3 A reconstrução da história dos sete povos das missões baseia-se em elementos encontrados na história. Entre os documentos deixados sobre os sete povos está o relatório de viagem de Auguste de Saint-Hilaire (1987) que descreve detalhadamente o funcionamento estrutural das missões. Ver em anexos a "Descrição do povo de São Borja".

A gravura em cobre, datada de 1755 (Figura 2), representa o Povo de São João. Nesta gravura é possível identificar os elementos indispensáveis ao funcionamento das missões. Como foco principal e de maior imponência arquitetônica encontra-se a Igreja, voltada para o norte, constituindo também o principal elemento da composição sob ponto de vista filosófico. Podemos detectar ainda a praça central, comparada por Julio Curtis (1987) à “Plaza Mayor” de origem espanhola.

A partir do ponto nevrálgico gerador que é a praça, estão orientados os demais elementos do sistema. De um lado da Igreja encontram-se o convento, as oficinas e as casa dos padres, e do outro lado, o cemitério. De frente à Igreja encontra-se o cabildo, onde se resolviam questões de ordem administrativa, na forma de duas torres, constituindo um pórtico.

Ao redor do conjunto encontram-se as residências dos índios. Estas residências eram constituídas dentro de um traçado urbano, com ruas entre os conjuntos. Os índios eram divididos em famílias, sendo destinanda uma célula a cada família.

A concepção do Museu das Missões

Como comentado antes, esta parte da história desta região pôde ser reconstituída a partir de ruínas, relatos e imagens. Na década de 30 deu-se início a um trabalho de recuperação deste patrimônio, como iniciativa do Serviço do Patrimônio Histórico (SPHAN). Este trabalho, reflexo de uma preocupação em conservar o remanescente e a história ainda viva, contou com a presença do arquiteto Lucio Costa, no momento parte integrante da equipe do órgão.

Quando em 1937 foi pedido a Lucio Costa, por parte do SPHAN, que fizesse uma visita à região dos sete povos das missões e relatasse o encontrado. Ainda não se imaginava a futura implantação de um museu no local.

Como resultado da visita realizada à região, o arquiteto Lucio Costa elaborou um relatório dirigido ao IPHAN especificando as condições em que se encontrava o conjunto e propondo uma estratégia de conservação. O Museu das Missões, datado de 1940, foi proposto no relatório de Lucio Costa e levado a efeito pelo mesmo, constituindo o resultado desta iniciativa de conservação do patrimônio histórico.

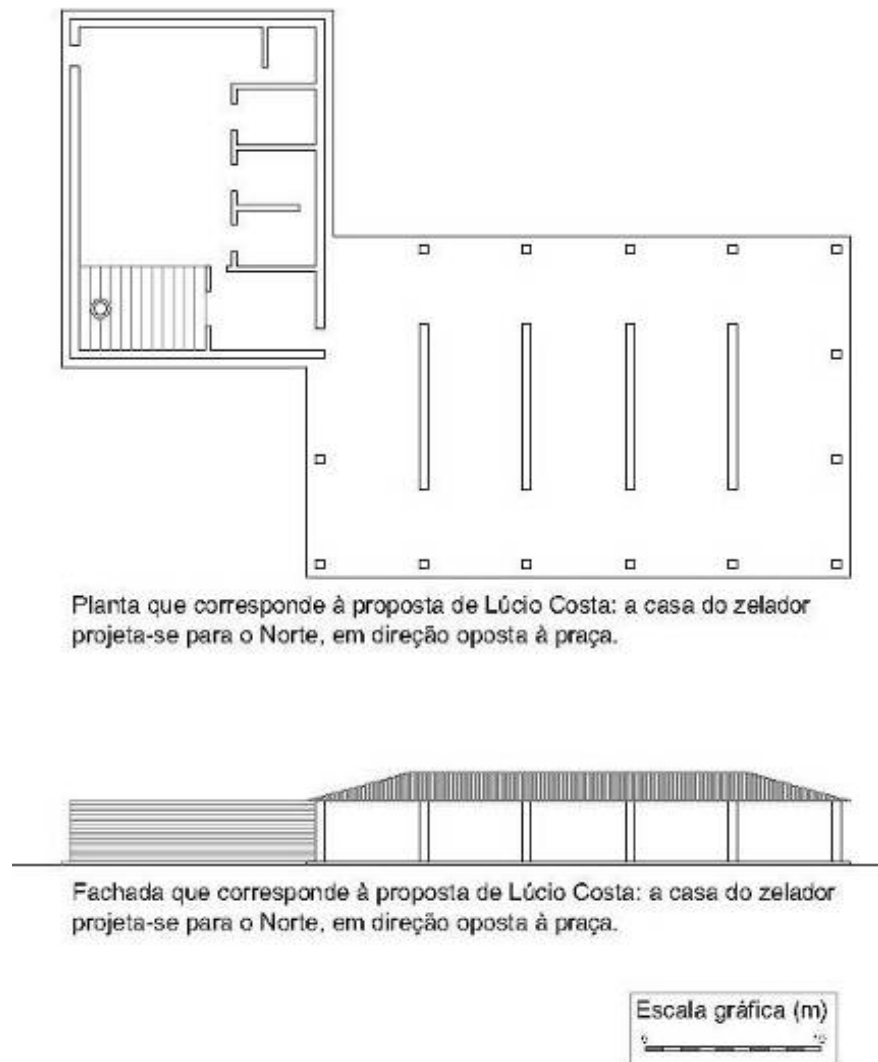


Figura 3: Planta baixa e fachada do Museu das Missões

Fonte: desenho da autora

A proposta de Lucio Costa (Figura 3) em relação à maneira de implantação do museu em questão, adotada na sua construção, foi de criar um cenário para as peças reunidas. Este cenário seria o responsável pela acolhida e pela exposição dos objetos coletados nos vestígios das reduções jesuíticas. O edifício, ou cenário para exposição das peças, foi configurado, como sugere o arquiteto no relatório, com o material das próprias ruínas.

A estratégia de utilização do material local pode ser vista como uma estratégia recorrente. Se nos séculos XVII e XVIII os jesuítas fizeram uso dos materiais locais, como o arenito ou o adobe. Assim, no século XX também foi utilizado o material local. No momento de implantação das missões, o uso de material local se justifica pela facilidade de utilização do material existente e pela dificuldade que teriam para transporte de materiais de outras regiões, o que justificaria não terem empregado a cal. A utilização do material local por Lucio Costa se justifica de outra maneira. O emprego do material local é visto como uma maneira de se aproximar do que existia, de compor com o material local já manufaturado e empregá-lo em uma nova concepção.

A peça que corresponde ao Museu das Missões, portanto, não faz parte do sistema original do sítio das missões. No entanto, para estabelecer uma relação entre o museu e o conjunto existente, o autor busca uma aproximação do sistema urbano das missões através da utilização de um dos objetos arquitetônicos pertencentes ao mesmo. Foi adotada, então, a linguagem das casas dos índios, motivo recorrente nas missões, como linguagem para o novo edifício a ser edificado.

A obra de Lucio Costa é justificada por Farès El-Dahdah (2004), que a chama de simulacro, colocando: “A obra é puro simulacro; foi construída com fragmentos lá encontrados e implantada de modo a redefinir as dimensões virtuais de uma antiga praça de igreja.” A estratégia, na colocação chamada de simulacro, apresenta duas diferentes maneiras de aproximar-se do contexto histórico das missões. Uma maneira é a utilização do material local e a outra, a redefinição das dimensões espaciais das missões.

Diálogo e identidade no Museu das Missões

A busca de diálogo, no Museu das Missões, se dá de maneira direta, em uma busca de contextualização

temporal do conteúdo através do continente. Mesmo que o continente, ou edifício, seja um elemento moderno, ele retrata a linguagem do contexto histórico do conjunto em interesse. O contexto do museu, portanto, já não pode mais ser visto como o original. Além do fato de o continente ser um objeto novo em relação ao existente, destaca-se o fato de estarem sendo reunidos os objetos a expor em um só local. Através desta estratégia da identidade através da cópia, este conteúdo passa a receber uma nova concepção para, pela primeira vez, ser visto sob esta ótica. A coleção de peças provenientes dos sete povos das missões já representa uma nova atitude. A conservação e exposição das obras é facilitada pela reunião e centralização destes vestígios artísticos.

Visto sob o ponto de vista da narrativa, o autor propõe uma relação de identidade entre os dois elementos em questão – o museu e a obra de arte – que podem ser compreendidos como “atores”. No entanto, esta relação recebe um grau maior de complexidade quando percebemos que um dos atores – a obra de arte – participa em dois momentos históricos distintos, ou seja, pertence a dois contextos distintos. O fato de

as obras terem sido retiradas de seu local original, por um razão de conservação do patrimônio cultural, lhes dá uma nova leitura. Continuam sendo as mesmas peças, porém com diferente significado e maneira de exposição. Assim sendo, existem duas distintas leituras, que são: a original - onde as peças estavam em seus locais originais, mas por motivos de preservação foi tomada a decisão de retirá-las dos mesmos - e a nova situação – onde ocorre uma nova regra estabelecida entre continente e conteúdo, ocorrendo inclusive uma nova leitura de conjunto que antes não existia. Há neste caso uma relação de identidade entre o cronotopo das peças expostas e o do edifício, porém existe um novo elemento, a proposta da nova relação entre continente e conteúdo. A maneira de expor as peças dos sete povos reunidas em um único espaço destinado às mesmas estabelece uma nova leitura.

Em um contexto da arquitetura modernista brasileira, e pertencendo Lucio Costa à corrente modernista brasileira, o projeto do Museu das Missões representa uma estratégia de difícil compreensão para o pensamento de vanguarda. Neste projeto, a veia neovernacular do arquiteto

Lucio Costa - possivelmente pouco compreendida sob o ponto de vista da arquitetura moderna, se vista a partir da ótica contemporânea - fica evidente. Parece bem colocada a citação de Ricardo Rocha quando resume o Museu das Missões: “Solução exemplar de inserção de nova construção em sítio do século XVII, o edifício realiza uma perfeita integração entre o antigo e o moderno, aproveitando materiais provenientes das ruínas. Se tais características são amplamente conhecidas, a maneira pela qual a concepção original de Lucio Costa procura relacionar visitante, vestígios e ruína nunca é lembrada.” (Rocha, 2015a)

Ressaltando o momento de execução do museu, enquanto Lucio Costa também estava envolvido com o projeto do Ministério de Educação e Cultura, cita Ricardo Rocha, autor do artigo *liames entre o novo e o antigo*: “Ao mesmo tempo em que se edificava a mais contundente manifestação do domínio nativo sobre a técnica e a linguagem da moderna arquitetura internacional, o passado nacional era reconstruído, a partir de seus próprios elementos, de uma forma e sob um olhar absolutamente novos” (Rocha, 2015).

Com o objetivo explícito em seu discurso e no resultado da obra do museu, o autor Lucio Costa revela sua postura frente ao problema a enfrentar, quando, no relatório, transparece a idéia da memória através do relato, relatando a visita através da descoberta de um passado. O caminho no caso da execução do museu é baseado na premissa básica conservacionista, já o método adotado por Lucio Costa e apoiado pelo IPHAN é a estratégia da reprodução evidente em seu discurso e na forma resultante, idêntica à arquitetura pré-existente no local do museu.

Há no caso do Museu das Missões uma superposição de tempos, por ser uma obra com dois momentos, o contexto histórico das ruínas remanescentes e o momento do ato de criação de Lucio Costa, independentemente da estratégia adotada. As ruínas representam a história e a obra nova retrata o que ali existia antes das ruínas, ou seja, reconstitui parte deste conjunto.

A leitura do autor, Lucio Costa, frente ao conjunto é uma leitura de reconhecimento histórico. De fragmento em fragmento, reconstitui um conjunto, preenchendo lacunas no

espaço físico através do imaginário. Parte da descrição do conjunto feita por Lucio Costa quando de sua visita às ruínas demonstra esta construção de uma história através de objetos da arquitetura do local: "...vendo aquelas casas, aquelas igrejas, de surpresa em surpresa, a gente como que se encontra, fica contente, feliz e se lembra das coisas esquecidas, de coisas que a gente nunca soube, mas que estavam lá dentro de nós..." (Rocha, 2015a).

No ato da refiguração por parte do leitor ocorre uma dupla leitura. O leitor compreende a arquitetura moderna como antiga, que, propositalmente, o remete aos tempos das reduções jesuíticas através do reconhecimento. O que se encontra no local do museu é simplesmente uma cópia da casa dos índios, em um contexto de ruínas, como se alguma ação superior tivesse escolhido e preservado somente aquela unidade, ou como se aquele elemento tivesse sido plantado. A noção do contexto foi perdida no momento em que a missão foi destruída. No entanto a cenografia proposta é um caminho possível para proporcionar um contexto, mesmo que falso, para o visitante nos dias de hoje. (Figura 4)

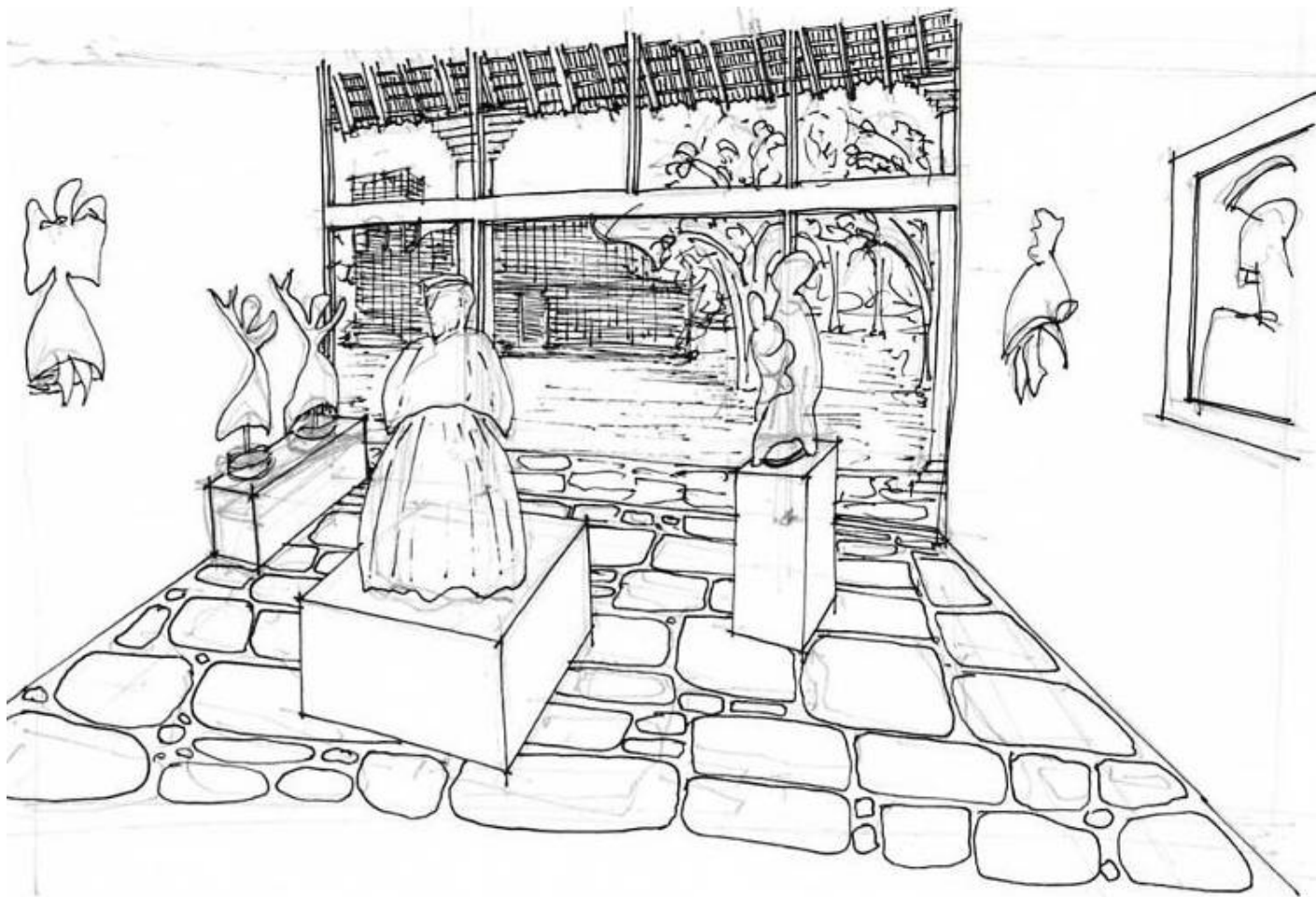


Figura 4: *Croqui interno do Museu das Missões*

Fonte: croqui da autora

A leitura do visitante ao transitar pelas missões é a de contextualização, de conjunto. O arquiteto buscou acentuar a sensação de pertencer a um conjunto que conta a história que pode experimentar

em sua visita através da estratégia projetual para o Museu das Missões. Na redução de São Miguel, onde se localiza o Museu das Missões, não é proposto o contraste nem a diferença, como seria uma possível e reco-

rente estratégia, em função do fato que é a diferenciação de contextos do acervo e do museu. Maturino Luz colocou que a solução adotada “soube explorar as potencialidades da tipologia da habitação indígena missioneira, realizando assim uma simbiose com a linguagem da arquitetura moderna” (Luz, 2000, p33). A exploração, portanto, da tipologia das habitações indígenas, como um meio físico para a exposição dos artigos colecionados nas reduções, compreendidos como o conteúdo do novo museu, estabelece ao visitante uma compreensão de identidade cronotópica. Esta identidade, ainda que estabelecida através da cópia, leva o usuário a compreender as Missões de São Miguel como um conjunto, dos quais fazem parte as peças coletadas e o edifício, dentro de meio ambiente que São as Missões de São Miguel e sua inserção no conjunto dos Sete Povos das Missões.

Considerações finais

O exemplo apresentado no artigo ilustra a atitude do projeto frente à arquitetura do passado, a partir da

estratégia adotada pelo arquiteto Lucio Costa, reconstituindo-a como uma cópia fiel. Foi buscada, portanto, uma relação de identidade; a identidade dada pelo reconhecimento da arquitetura vernacular. A estratégia da cópia, ou mimese, é defendida por Aristóteles como justificativa de uma representação da natureza. O mesmo afirma que a arte imita a natureza. Sendo assim, a arte passa a ter um valor representativo através de um processo mimético a partir de uma verdade pré-estabelecida. No caso do Museu das Missões, a mimese ocorre como resposta da arquitetura a um processo humano, que foi a consolidação das missões. Sendo assim, neste caso a arte segue imitando a própria arte, porém do passado.

A partir de Aristóteles verificamos: “Do mesmo modo que alguns fazem imitações seguindo um modelo com cores e atitudes, - uns com arte, outros levados pela rotina, outros enfim com a voz; assim também, nas artes, a imitação é produzida por meio do ritmo, da linguagem e da harmonia, empregados separadamente ou em conjunto.” (Aristóteles, 2000, p.239).

Com Aristóteles a arte passou a ter uma dimensão estética, capaz de fornecer possíveis interpretações do real. A partir daí, a mimese não torna o artista um mero plagiador da realidade, mas sim um criador que resgata o mundo nos mesmos moldes que ele produz, por intermédio do próprio mundo.

É certo que a situação da cópia não é uma situação original, tampouco o novo uso como museu. Porém, mesmo reconhecendo estas diferenças contextuais, o leitor reconhece outro elemento que relata a história do local, que é seu contexto físico que já não estava mais presente. O contexto físico, reerguido com seus próprios elementos de arquitetura, relata o que é justamente o propósito do Museu das Missões, que é manter viva a história daqueles povos. A investigação mostra a importância da rica relação de diálogo entre patrimônio arquitetônico e patrimônio artístico. Fica, portanto, claro que a leitura de um ou outro de maneira independente não seria tão rica como da maneira que o conjunto foi mantido pela estratégia proposta pelo projeto arquitetônico do Museu das Missões.

Referências

- Aristóteles. (2000). *Arte Retórica e Arte Poética*. Ediouro: Coleção Universidades de Bolso.
- Curtis, J. N. B. (1987). O espaço urbano e a arquitetura produzidos pelos sete povos das missões. In: *A arquitetura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto. p. 31.
- Edelweiss, R. K. (2008). *A Dialogia na Arquitetura dos Museus Brasileiros a partir do Movimento Moderno*. Tese de doutorado. Barcelona: ETSAB-UPC.
- El-Dahdah, F. (2004). A arqueologia da modernidade de Lucio Costa. In: Nobre, A. L.; Kamita, J. M.; Leonídio, O.; Conduru, R., *Um modo de ser moderno: Lucio Costa e a crítica contemporânea*. p. 289-307. São Paulo: Cosac & Naify.
- Portal do IPHAN. (2015). Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/>
- Luz, M. (2000). Lucio Costa no Sul. O Museu das Missões. In: *Cadernos de arquitetura Ritter dos Reis*, 2, out/2000. Porto Alegre: Faculdades Integradas do Instituto Ritter dos Reis. p. 33.

- Rocha, R. (2015). *De museus e ruínas: Os liames entre o novo e o antigo*. Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq008_02.asp
- Rocha, R. (2015a). *O pavilhão Lucio Costa Uma proposta*. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/minhacidade/mc010/mc010.asp>
- Saint-Hilaire, A. (1987). *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro editor. 275-276.